

**BOLA AO CESTO**

Acompanho o basquete de Franca desde os tempos heroicos do Clube dos Bagres. Antes disso, lembro de ver alguns jogos do time de Franca à noite, levado por meu pai até a quadra descoberta do IETC no final dos anos 1950. O ginásio do Clube dos Bagres só começou a ser usado pra valer a partir de 1962, inaugurado no torneio brasileiro de seleções estaduais e apesar da situação atual de esquecimento, ainda sonho que será recuperado como patrimônio histórico que é, seria uma irresponsabilidade e insensibilidade geral de uma cidade que se intitula “Capital do Basquete”.

Não me lembrava de nenhum jogador negro no time, a não ser a partir do início dos anos 1970, até que uma foto na internet me chamou a atenção, a seleção local de 1956 tinha um jogador negro: Wilsão. Seria o primeiro? Resolvi investigar. Liguei para o Jovassi, essa lenda esportiva do rádio e lembrou do Wilson Domingos, já falecido, que também tinha jogado como goleiro da Francana. Informou que um irmão dele teria uma oficina próxima ao Clube dos Bagres. Batendo perna pela cidade num sábado, acabei encontrando o irmão do Wilson na oficina, ao lado de seu filho. Conhecido por “Bichano”, me disse que na verdade o primeiro jogador negro teria sido seu pai, Luiz Domingos, conhecido como “Luiz Pé de Viado”. Antes que algum engraçadinho faça piada, esclareço que o apelido tem uma razão simples: tinha as canelas finas e corria demais em quadra, era bom jogador.

Segundo o pesquisador da história do basquete francano Rodolfo Pino, Luiz Domingos integrou a turma precursora do basquete em Franca na década de 1920. Fez parte da Escola Francana de Cultura Physica e quando ela se extinguiu, jogou no Club Athletico Rio Branco, onde conquistou o título da Liga Francana do Bola ao Cesto de 1931. Morava na Rua do Comércio e tinha um bar. Quanto a seu filho Wilson, jogou basquete em Franca na década de 1950, sendo contemporâneo de Hélio Rubens, Heraldo, Katiê, Chico Damasceno, Piu-Piu, Oswaldo Mandioca e outros, movidos pelo dinamismo do professor Pedroca. Ele fez parte dos selecionados francanos até 1959, quando se mudou da cidade.

Na conversa com Bichano, senti certa resistência em falar sobre Wilson, que tinha duas filhas em Franca, mas não tinha contato. De repente, o filho até então quieto ao lado soltou: “Maria Emília mora na Rua Francisco Társia”. Pronto, já tinha uma pista e fui atrás. Sem um número indicado, perguntei numa venda se alguém conhecia Maria Emília e achei. A casa no alinhamento da rua tinha uma janela aberta e vi duas mulheres conversando. Quando citei o nome do tio, quase fui enxotado, estava por fora de uma rixa familiar, até que consegui explicar o que procurava: informações sobre Wilson, o pai delas. A coisa mudou da água para o vinho, fui convidado a entrar e me passaram todas as informações sobre o pai. Quando deixou o basquete por volta de 1959, virou jogador profissional de futebol, foi goleiro da Francana, Uberlândia e Guarani de Campinas. Quando encerrou a carreira, retornou à cidade onde trabalhou como pespontador e montou uma fabriqueta de calçados. Faleceu em 1985 com apenas 49 anos de idade ao sofrer um AVC fulminante. Deixou duas filhas do casamento com Maria Aparecida, Maria Emília e Cláudia, a que quase me bateu. Será que o primeiro jogador negro do Clube dos Bagres foi o Rosalvo? Desafio para Rodolfo Pino descobrir.

Precusores, os negros Luiz e Wilson Domingos ainda precisam do reconhecimento de seu pioneirismo no basquete francano como exemplo para combater o racismo, essa chaga nacional. Numa cidade sem memória, isso ainda está por ser feito.

Mauro Ferreira é arquiteto